

O ARCANJO ENTRE A ESFINGE E O TÚMULO DO REI.

ALVES, Ana Angélica Bomfim.¹

angelicabonfim@pop.com.br

ANDRADE, Carlos Gustavo Mascarenhas de.²

lisgust@yahoo.com.br

SANTOS, Alexandre Alves.³

alexandreas_nick@yahoo.com.br

MACHADO, Danilo Maciel⁴. (Orientador)

Professor Mestre do Curso de Letras, Disciplina de T.C.C.

danilo_let@hotmail.com

RESUMO:

O símbolo do arcanjo representa o elemento que coloca a poesia de Santo Souza ao lado de grandes poetas da literatura universal. E neste artigo tem como objetivo analisar através das relações semântico-estruturais e do estudo comparativo dos estudos feitos por Jackson da Silva Lima e Gizelda S. Moraes o estudo sobre o arcanjo para compreendê-lo em seus efeitos de sentido na dimensão do ritmo poético, na análise estrutural de interpretação, no estudo sobre o “duplo” nos poemas *A Esfinge* e em o *Túmulo do Rei*, levando-se também em consideração a trajetória de vida do poeta e de obras anteriormente produzidas.

Palavras-Chave: Arcanjo, Interpretação, Simbologia.

¹ Aluna do 6º Período do Curso de Letras – Português. Universidade Tiradentes - UNIT.

² Aluno do 6º Período do Curso Letras – Português. Universidade Tiradentes – UNIT.

³ Aluno do 6º Período do Curso Letras – Português. Universidade Tiradentes – UNIT.

⁴ Professor Mestre pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

O ARCANJO ENTRE A ESFINGE E O TÚMULO DO REI

INTRODUÇÃO

Pode-se perceber que, todas as fontes deste Artigo Científico provem da pesquisa extensiva, com visitas aos IHGS (Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe) e ao acervo da Biblioteca da Universidade Tiradentes, sempre com o intuito de fundamentar e teorizar sobre o estudo da poesia santosouzeana. Foi de extrema importância, o modo intensivo no qual a pesquisa foi realizada; pela forte contribuição do próprio Santo Souza ao fornecer materiais raros e riquíssimos no que tange a trajetória artística de Santo Souza.

As entrevistas foram realizadas aos finais de semana, documentadas em gravador ambiente, para maior praticidade e comodidade ao entrevistado, para objetivar uma maior interação de diálogo diante das perguntas. Sempre de modo irreverente, Santo Souza colocou um pouco da sua liberdade de expressão e nostalgia, diante da vida e da esperança, mostrando o seu ponto de vista a respeito do ser humano em condição frágil e sensível.

A produção deste artigo visa analisar a poesia de Santo Souza, a fim de identificar os elementos dualísticos, para que possam ser estabelecidas variadas formas de interpretação, estudar o uso das figuras de linguagem na intertextualidade mitológica e o ritmo poético. Como principais fontes de pesquisa bibliográfica, têm-se os autores: Jackson da Silva Lima e Gizelda S. Moraes. Como o primeiro mesmo comenta:

Para Santo Souza o poeta não é simplesmente um fazedor de versos e transfigurador de imagens. É de fato muito mais do que isso: um anunciador de auroras e cataclismos, em ser eleito predestinado a grandes tarefas entre o céu e a terra, um forte elo entre o sobrenatural e o humano, em suma, um benfeitor da humanidade, a quem está umbilicamente preso, mas privilegiado por suas qualidades dimiúrgicas de vidente. (LIMA, 1989:11).

Por isso, não há dúvidas quanto a seriedade dos estudos que foram realizados, mas pode-se perceber ao longo deste artigo, muitas outras características em *A Esfinge* e *O Túmulo do Rei*. E de certa forma, diferenciam na pesquisa realizada por ambos os autores, sendo acrescentado um pouco da sua história de vida e a influência de pessoas que foram, e que até hoje continuam contribuindo na sua vasta produção.

Através do contato direto com o poeta, pôde-se entender sobre as suas amizades, o dom pela música, e a sua forte crença no deus celestial, foram formas de incentivá-lo na sua transcendência de estado de espírito. A caber somente ao poeta, entender as suas angústias que ainda se encontram purificadas diante de um homem sem liberdade de expressão, sem a liberdade de ter seus sonhos, voar na imaginação e conviver num mundo, um pouco distante da dor de ser simplesmente “o homem que não conseguiu buscar a sua própria evolução⁵”.

SANTO SOUZA: VIDA E OBRA

Nasceu em Sergipe, no município de Riachuelo em 27 de Janeiro de 1919, José de Santo Souza ou simplesmente Santo Souza. Filho de Hermínia Santo Souza e Manuel Raimundo Vasconcelos, este, segundo o próprio poeta comenta; “apenas um pai biológico”, sendo criado educado por sua mãe durante a maior parte de sua vida.

Analfabeto de pai e mãe, Santo Souza é dono de uma inteligência nata. Começou a ler as primeiras palavras aos quatro anos de idade através das folhas de jornal. Aos seis anos de idade sonhava em ser poeta, que logo veio a se realizar aos treze anos de idade, ao rabiscar as primeiras poesias, dedicando-as às pessoas que fazem parte do seu convívio, como: a sua

⁵ Palavras colocadas por Santo Souza ao comentar sobre as limitações humanas. (Entrevista realizada em 05/11/2006).

esposa, ao mestre Salustiano; este grande influenciador para as suas primeiras produções poéticas, ao poeta Zé Sampaio, entre outros.

A respeito de Zé Sampaio, Santo Souza declara sobre um dos momentos mais importantes de sua vida:

Ai! Zé Sampaio tá recitando um verso, e chegou um gaiato e puxou esse livro debaixo do meu braço e disse: Oi o poeta! Eu procurei terra pra pisá e não encontrei. (...) Zé Sampaio pegou esse livro, pegou isso aqui e leu pro pessoal. Ele disse: pare tudo ai! Vejam vocês que inteligência loira, então recitou isso aqui, eu escrevi quando tava com treze anos de idade. A origem do amor é um fanal/ Que ilumina fonte de nossas amarguras/Tomando a fonte de nossos corações/ cheios de ternura em milhões/ (...)/ Na luz espiritual⁶.

Depois do fato ocorrido, Santo Souza deixou a poesia de lado por algum tempo, e dedicou-se a música. Aprendeu clarinete por conta própria; dedicando-se por um breve tempo, até chegar a conclusão de que deveria realmente dedicar-se à sua produção poética.

Em 1932, escreveu o seu primeiro livro, mas sem intenção de publicá-lo. Em 1937, saiu de Riachuelo com a sua família para trabalhar em Aracaju, onde se tornou funcionário da farmácia Galeno. Em 1939, publicou no Sergipe Jornal a sua poesia *Veneno*, causando bons comentários por críticos daquela época.

O escritor Paulo Dantas levou a obra *Ode Órfica* para São Paulo e publicou no Jornal *O Estadão*, rendendo para Santo Souza um lugar de destaque entre os poetas da geração de 45, colocando-se ao lado de poetas e escritores como: Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Vinicius de Moraes, entre outros. Em 1946, foi convidado para ser redator do jornal *Alvorada*, cujo cargo foi exercido por muitos anos. Exerceu também outras atividades, como: Músico e Coordenador da Banda Sinfônica, trabalhou na Energipe, na Secretaria de Estado de Sergipe, como também foi locutor em algumas rádios do estado de Sergipe, inclusive na Rádio Aperipê.

⁶ Entrevista realizada em 12/11/2006.

Dono de uma grande produção literária, publicou de forma sequenciada, os livros: *Cidade Subterrânea* (1953), *Caderno de Elegias* (1954), *Ode Órfica* (1956); este acabou sendo uma fonte de direcionamento, para que enfim, muitos apreciadores da literatura pudessem conhecer um pouco do seu potencial. Depois de algum tempo Santo Souza publicou *Pássaro de Pedra e Sono* (1964), *Pentáculo do Medo* (1980), e recentemente publicou o livro *Rosa de Fogo e Lágrima* (2004). E suas atividades não param por aí, já com planos de publicação da obra *Ésquilo na Tormenta*.

Em todas as suas obras iniciais, há características bem similares, como por exemplo, a forte influência simbolista; principalmente quando se diz respeito às características poéticas de Cruz e Souza, carregada de símbolos esotéricos, religiosidade, métrica bem elaborada, símbolos mitológicos (influência das literaturas do gênero trágico), sempre metaforizando a onipotência divina e a própria fragilidade humana.

Para este poeta, a poesia deve expressar a liberdade do sentimento humano, não fazendo algo meramente isolado, sem o engajamento social que a poesia realmente deve atingir, em que este, parte de elementos intertextuais e principalmente na sensibilidade artística do trabalho com a palavra. Não ao alcance de torná-la sinônimo de pedantismo, mas que a mesma estabeleça o seu significado completo em união com a simplicidade.

De certa forma, Santo Souza não consegue explicar sobre a quantidade de méritos que vem conquistando por um dom, considerado por ele, como a melhor forma de conversar com as entidades espirituais. Segundo o diretor da obra *Âncoras de Argo*, José Augusto Garcez: seus versos são medidos, exatos, embora estejam aparentemente soltos. As palavras, quase todas, pertencem a um naipe comum, e funcionam como os instrumentos das orquestras, cada um com seu valor semântico/ simbólico⁷. Por isso, é preciso tornar ainda mais divulgada no contexto cultural brasileiro. É preciso que suas poesias possam alcançar a

⁷ Depoimento extraído do livro *Âncoras de Argo*.

universalidade de leitores que possam admirar e estudar as suas obras divididas em sonetos, elegias, odes e etc.

Entre as obras atuais, o livro *Rosa de Fogo e Lágrima*, coloca o leitor diante de dois momentos significativos na carreira literária de Santo Souza; a primeira consiste no uso do verso livre da poesia *A Esfinge*, e o segundo refere-se ao rompimento com a estética do soneto versificamente bem elaborado da obra *O Túmulo do Rei*. Entre ambas, o símbolo do arcanjo é significativo para a compreensão dos dois textos portanto, o importante passo a ser dado é observar a leitura das respectivas obras.

A ESFINGE

O anjo me atendeu sonâmbulo, e estendeu
o seu lençol de nuvens na avenida,
onde há ventos que não sabem conversar
e ouvir palavras de sombras e alvoradas.

Lembro sua voz no coração das rosas
embaladas pela noite que descia,
escorregando, aflita, nos becos inundados
de escuridão. Bisbilhoteiro divino, o anjo
encostava o rosto no peito da montanha,
para ouvir segredos de seu coração
escondido no manto de relvas e flores.

Mas o arcanjo muda as peças no xadrez
da eternidade: escolheu a cor da estrela
que orienta a flecha e os dardos dos eleitos
para o trono dos dragões desesperados,
embaralhou a tormenta com o grito do seu poder
e convocou o anjo mudo para conduzir
os ginetes que levam a carruagem da aurora.

E se embriagou com lágrimas de pedras
e gargalhadas de metralhadoras. Assassinou
estátuas. Enforcou a coroa de Cristo ensangüentada.
Algemou Édipo, já cego, e um monstro,
com asas de pedra, sangrando sobre
múmias e blasfêmias, rasgou a treva.
- E chorou⁸.

O TÚMULO DO REI

Os ancestrais do assombro já chegaram
para lavar o túmulo do rei:
tirso, coroa, líquidas lembranças
no cálice de luz. As trevas abrem

a porta e vão levar as agonias
com que alimentam os deuses mais ferozes,
e os anjos chamam Deus para acordar
tufões e vendavais nestes caminhos.

Porém, quero sossego para as flores
que não sabem sonhar nem conduzir
o seu perfume para além da morte.

Porisso, cubro o túmulo do rei
com o sangue das pétalas caídas.
nas mãos do arcanjo que lavei com lágrimas⁹.

⁸ SOUZA, Santo. Rosa de Fogo e Lágrima. p.45.

⁹ Ibidem. p.73

ESTUDOS SOBRE O SIMBOLO MITOLÓGICO DO ARCANJO POR JACKSON DA SILVA LIMA E GIZELDA S. MORAIS

A complexidade das obras de Santo Souza, desperta interesse de pesquisadores, como: Jackson da Silva Lima, em sua obra: “O Poeta Santo Souza” (1989). E Gizelda S. Morais em sua obra “Esboço para uma análise do significado da obra poética de Santo Souza” (1996). A primeira obra faz um esclarecimento técnico relacionado a mitologia e a conceituação métrico-rítmico, enquanto a segunda trabalha muitas citações que contextualizam as questões psicológicas do ser humano, ou seja, o que está além da vida, o que transcende a própria materialização, fazendo do próprio leitor não somente um apreciador da poesia santosouzeana, mas um leitor em constante processo de reflexão diante das próprias ações. Ambos percebem que, a influência mitológica do arcanjo surge a partir do momento em que o poeta estabelece relações de entendimento com o fazer poético, e ao mesmo tempo, como o *benfeitor das relações humanas*¹⁰, isto é, a poesia voltada para os sentimentos universais de dor que pode ser percebido na poesia *A Esfinge*,

Mas o arcanjo muda as peças no xadrez
 Da eternidade: escolheu a cor da estrela
 Que orienta a flecha e os dardos dos eleitos
 Para o trono dos dragões desesperados,
Embaralhou a tormenta com o grito do seu poder

e o sentimento de compaixão na obra *O Túmulo do Rei*,

Porisso, cubro o túmulo do rei
 com o sangue das pétalas caídas.
 nas mãos do arcanjo que lavei com lágrimas.

¹⁰ Expressão colocada por Jackson da Silva Lima na obra *O Poeta Santo Souza*.

O ESTUDO COMPARATIVO DO RITMO POÉTICO

Entre as obras de Jackson da Silva Lima e de Gizelda S. Moraes, existe uma diferenciação muito pertinente. Pois o escritor percebe que a musicalidade exerce grande influência nas obras de Santo Souza enquanto a escritora considera menos importante a composição rítmica dos poemas. *“O critério que aqui adoto diz respeito a temática abordada, ao foco das preocupações do poeta aos seus estímulos visuais e mentais, embora o ritmo seja o elemento de diferenciação, porém menos importante”*. (MORAIS, 1996:16), ao contrário de Jackson da S. Lima, *o poeta criador utiliza-se da linguagem poética, harmoniosa e bem concebida para avaliar e reavaliar a humanidade em sua própria vida*. (LIMA, 1989:40). Jackson dá mais ênfase ao estudo do verso quanto a cadência rítmica classificando-os como: verso-linha e verso-real.

Segundo Jackson da Silva Lima:

são remotas as possibilidades do verso-real coincidir com a linha poética ou verso- linha, pois ocorre sempre violenta inversão dos componentes oracionais, ocupando o verso-real em regra , duas ou mais linhas. Daí não há obrigatoriedade de encerrar-se ele em uma única linha, já que o importante é conservar o verso linha dentro de certa medida uniforme, isto é, com determinado número de pés ou células métricas. (LIMA, 1989:77).

Estes tipos de versos também podem ser percebidos no poema *A Esfinge* com o emprego de enjambement nas duas palavras grifadas, em que os versos só estabelecem sentido completo quando empregado o verso-real.

E se embriagou com lágrimas de pedras
E gargalhadas de metralhadoras. Assassinou
Estátuas. Enforcou a coroa de Cristo ensangüentada.

Os versos são contados de forma irregular, no momento em que a contagem de cada verso deve terminar na última sílaba tônica, sendo assim, iniciada uma nova contagem no

verso seguinte, mas os poetas da geração de 45 resolveram quebrar essa concepção poética adotando um estilo diferente de versificação, como Jackson mesmo coloca o estudo do verso-livre e do verso-real.

“De/têm/-se/ Orfeu/ na in/glória/ ca/min/ha/da em (Verso linha)

1 2 3 4 5 6 1 2 3 4 5

bus/ca/ das/ cons/te/la/ções/. Sua/ li/ra/ sa/gra/da.”¹¹(Verso real).

6 1 2 3 4 5 6 1 2 3 4 5 6

O verso-linha está para o sentido incompleto da frase, com o emprego de enjambement este será completado no verso seguinte através do verso-real. De certa forma, o ritmo fica a critério individual de cada produção poética sem precisar necessariamente ser algo contínuo, geralmente a diversificação torna a obra mais rica, em que, na numeração das palavras fortes, passa a ser estabelecida uma constante mudança significativa. De acordo com essa linha de raciocínio, Santo Souza trabalhou os seus versos a fim de estabelecer o seu próprio ritmo poético.

De um lado o verso-linha é libertado das algemas da métrica padronizada, aproximando-se na aparência, do verso-livre das primeiras gerações modernistas e, de outro o verso-real é mantido com segmentos isométricos, aparentemente clássico. Desse modo, a poética santosouzeana ficou equidistante de ambos os lados, e qualquer inclinação a um dos extremos será sempre uma iniciativa unilateral e falha. Ela é modernista sem se levar em conta o verso-linha isolado no contexto. Sem uniformidade métrica e rítmica; é clássica em determinado nível, pois o verso-real extrapola o verso-linha, sem ponto fixo de partida ou de chegada. (LIMA, 1989:83).

Sendo assim, Santo Souza rompe as barreiras do verso-linha, estendendo para o verso-real o sentido completo do enunciado de uma forma matematicamente coerente. O modelo ritmado que é estabelecido nas poesias não se confunde com a poesia moderna, já que em determinados pontos, o seu verso-real incorpora segmentos métricos e rítmicos

¹¹ (LIMA, 1989 : 80).

padronizados em medidas pré-estabelecidas, e menos ainda, se for comparada a poesia clássica, pois o verso-linha não tem metro certo e o clássico tem.

Além da análise rítmica adotada por Jackson, é importante notar a presença do ritmo poético através das figuras de linguagem no uso de assonâncias, ou seja, a repetição das vogais (**a**, **e** e **o**), determinadas palavras emitem determinada sonoridade estabelecendo o próprio ritmo poético. “Onde há ventos que não sabem conversar e ouvir palavras de sombras e alvoradas”.

Quanto a questão do ritmo, Norma Goldstein afirma que:

O ritmo pode decorrer da métrica, ou seja, do tipo de verso escolhido pelo poeta. Ele pode resultar de uma série de efeitos sonoros ou jogo de repetições. O poema reúne o conjunto de recursos que o poeta escolhe e organiza dentro do seu texto. Por isso, cada poema cria um novo ritmo. (GOLDSTEIN, 1989:12).

Seguindo este mesmo critério rítmico e interpretativo, o mesmo acontece com as consoantes (m e n), sempre repetidas nos três primeiros versos da primeira estrofe da poesia *A Esfinge*.

O anjo me atendeu sonâmbulo, e estendeu
 O seu leñol de nuvens na avenida,
Onde há ventos que não sabem conversar
 E ouvir palavras de sombras e alvoradas.

Esse fato pode ser explicado na medida em que o processo de nasalização possa causar um maior sentido de brandura e calma ao texto. Na palavra “sonâmbulo”, há a repetição do **m** e do **n**, e isso faz com que a consoante momentânea **b** aconteça em menor impacto vocálico, excluindo qualquer idéia de choque sonoro. Sendo assim, esse conjunto de palavras, faz remeter a idéia de algo substancialmente harmonioso.

Mas desde que conheçamos o efeito de cada fonema particular, é possível analisar o efeito oriundo da sua combinação, e o papel representado nela por cada um. As combinações e os efeitos são variadíssimos, praticamente ilimitados, como ilimitada é a gama de expressões humanas. (CANDIDO:40).

A partir da segunda estrofe, percebe-se uma maior evolução rítmica com o emprego das consoantes (c, r e z), sendo denotados progressiva rispidez e evolução sonora para que na terceira estrofe o leitor perceba uma maior intensidade de ações na figura simbólica do arcanjo havendo a ligação das consoantes (r e c). Sendo a palavra-símbolo analisada dentro de um conjunto de relações semânticas, perde-se o efeito de sentidos diferenciados.

Mas o arcanjo muda as peças no xadrez
 Da eternidade: escolheu a cor da estrela
 Que orienta a flecha e os dardos dos eleitos
 Para o trono dos dragões desesperados,
 Embaralhou a tormenta com o grito do seu poder

Neste fragmento da poesia *A Esfinge*, há na consoante **r** relações de estridências acentuadas a cada repetição do seu som, sendo ou não ligadas a outra consoante, pois esse conjunto de efeitos sonoros faz com que o símbolo do arcanjo coloque em prática toda a sua revolta. O mesmo não acontece na obra *O Túmulo do Rei*, o símbolo do arcanjo ganha outra característica semântica.

Porisso, cubro o túmulo do rei
 com o sangue das pétalas caídas.
 nas mãos do arcanjo que lavei com lágrimas.

Para compreender esta obra, faz-se necessário perceber que a sua estrutura em soneto diz respeito a forma de poema, ou seja, as partes que compõem o todo; em dois quartetos e dois tercetos. Mas, se for considerado o todo e a quebra de estrutura dos decassílabos. Identifica-se a ruptura da estrutura de sonetos parnasianos ao qual o poeta também recebeu forte influência para a construção das suas primeiras obras literárias. E este fato pode ser observado na quebra da estrutura de rimas, ocasionando também a mudança de ritmo partindo das sílabas mais fortes.

Os/ an/ces/trais/ do as/som/bro/ já/ che/ga/ram (10 S. P)

PA/Ra/ La/var o/ tu/um/lo/ do/ rei: (08 S.P)

Tir/so/, co/roa/, li/qui/das/ lem/bran/ças/(09 S.P)

No/ cá/li/CE/ de/ luz/. As/ ter/vas a/brem (09 S.P)

As sílabas poéticas (S.P) estão desestruturadas, mas não significa dizer que isso prejudique completamente a estrutura do poema, mesmo porque deve ser levado em consideração o ritmo, como ocorre no primeiro verso com a repetição da vogal (o) quatro vezes, da letra (c) com som de (s) duas vezes e as consoantes (s) e (m) em seguida, esta última repetida duas vezes. Nos ritmos diferenciados em (4, 6 e 10) no primeiro verso e (1,4,5 e -8) para o segundo verso, verifica-se o sinal negativo do número oito que corresponde ao ditongo decrescente “rei”, não acrescentado a contagem silábica, mas é considerado uma palavra determinante para a construção rítmica do verso em sua totalidade.

Os/ an/ces/trais/ do as/**som**/bro/ já/ che/ga/**ram** (10 S. P)

4 6 8

PA/Ra/ La/var o/ tú/mu/lo/ do/ rei: (08 S.P)

1 4 5 8 (-8)

Há uma breve de relação de contratempo rítmico entre a passagem dos dois versos, na aproximação dos números (8 e 1) do primeiro ao segundo verso, e (4 e 5) apenas do segundo verso. Essa característica faz do escritor um poeta de estilo livre, sem estereótipos. A liberdade de criação também compreende a liberdade de temas na poesia santosouzeana, e *O Túmulo do Rei* deixa de ser apenas um poema para receber características de poesia, por ter um conteúdo que implica estudo de interpretabilidade e compreensão.

RELAÇÕES ESTRUTURAIS DE INTERPRETAÇÃO DO ARCANJO ENTRE A ESFINGE E O TÚMULO DO REI

Na obra *A Esfinge*, o eu – lírico poético mostra-se observador, e ao mesmo tempo, a fonte de absorção de tudo que acontece a sua volta, “Lembro sua voz no coração das rosas embaladas pela noite que descia¹²”. *Entretanto, a poesia tem o seu lado emblemático voltado para a observação: uma grande dor e profunda aliança com a natureza e o tempo.* (MOISÉS, 1997:33), tendo em vista o tempo que transforma o homem e suas ações, fazendo do mesmo um ser em constante angústia pela sua própria natureza. É importante notar que esta característica é fruto da influência de poetas franceses, como: Baudelaire e Mallarmé, nomes importantes do simbolismo europeu.

A relação entre as duas obras apresentadas são bastante visíveis mediante ao tema que os engloba, a relação temática da Dor¹³, tema também amplamente trabalhado por Charles Baudelaire. A sensação constante no homem, na tentativa de buscar nos símbolos a essência através de impressões sinestésicas do último verso poético em *O Túmulo do Rei* “nas mãos do arcanjo que lavei com lágrimas¹⁴” ou então “e ouvir palavras de sombras e alvoradas¹⁵”, este último contido no último verso da primeira estrofe da poesia *A Esfinge*. Para este fato, entende-se que o mundo das coisas naturais são originadas do sobrenatural.

Pois, tais correspondências fazem parte do universo da matéria simbólica, no entanto, *o simbolista deseja encontrar a unidade do material e do espiritual aqui na terra, de modo a recuperar a unidade de um mundo artificialmente dividido.* (GOMES, 1985:16).

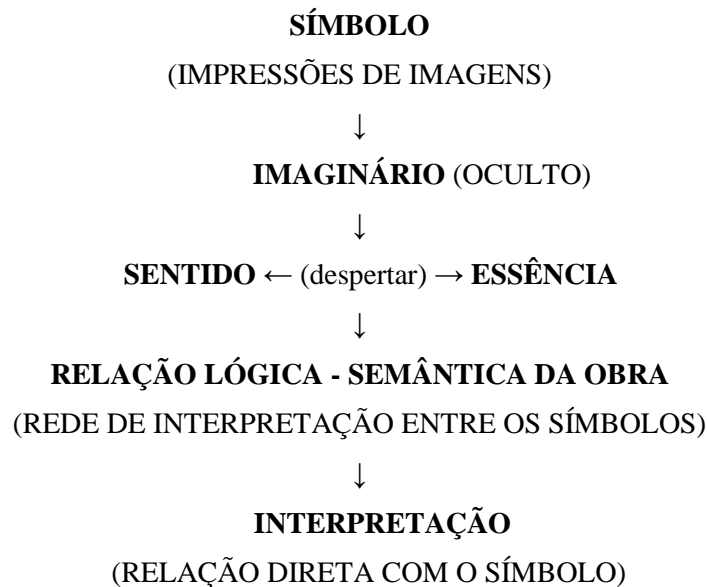
¹² Versos 5 e 6 da poesia *A Esfinge*.

¹³ Palavra extraída do livro *A Estética Simbolista*. Temática usada também por Santo Souza, buscando nas impressões sinestésicas as sensações ocultas do mundo.

¹⁴ Verso 14 da obra *O Túmulo do Rei*.

¹⁵ Verso 4 da obra *A Esfinge*.

No que diz respeito ao estudo das obras referentes a este artigo, foi montado um esquema de interpretação que confere maior importância ao símbolo como parte não só integrante, mas também como fonte centralizadora de interpretação:



O sentido que se estabelece entre **símbolo/interpretação** passa por amplos caminhos em que a essência é trabalhada junto aos sentidos despertados pelo imaginário; também caracterizado como algo oculto, a ser revelado. A relação lógica para chegar a um caráter de interpretação depende necessariamente do valor simbólico do arcanjo conduz o leitor a possíveis visualizações de acontecimentos caóticos, como *flashes* provocados pelas ações mediante ao dinamismo que existe entre as duas obras. Como exemplo deste fato, na poesia *A Esfinge*, palavras como: sombras, nuvens, sonâmbulo; remetem a idéia de imagem da noite. Podendo se interpretado como *o espaço das revelações, onde o homem se integra nas forças primitivas*. (GOMES, 1985:14).

Sendo assim, este trabalho é amplamente desenvolvido tendo a figura do arcanjo diante da interpretação do caráter duplo, e que não é apenas levado em conta o significado traduzido apenas pela cultura social, sendo o símbolo do arcanjo dotado de um único sentido.

Mas, faz-se necessário avaliá-lo dentro de uma perspectiva ampla, afinal a literatura é uma das vias que contribui para esta possibilidade de pensamento que corresponde a dualidade, Com o objetivo de alcançar uma melhor perspectiva de interpretação que não possa limitar qualquer sentido de valor.

O ESTUDO MÍTICO – LITERÁRIO DE INTERPRETAÇÃO EM RELAÇÃO AO SÍMBOLO DO ARCANJO

De acordo com as mentalidades mais “primitivas” do mundo, as ações humanas, diante de fatores externos, não tinham pensamentos propriamente autônomos¹⁶; se for levado em consideração a necessidade de criar algo especificamente simbólico, a fim de registrá-lo como concreto e com um determinado juízo de valor. Sendo o líder entre a hierarquia que diz respeito a uma organização angelical.

Em grego, "*arché*" quer dizer tanto **começo**, ponto de partida, princípio, como suprema substância subjacente ou princípio supremo **indemonstrável**. (...). A partir desta raiz temos o antepositivo "*arqu*", em português, com o sentido de "aquilo que está na frente, o **que está no começo**, na origem, ponto de partida de um entroncamento", traduzindo ainda idéias de poder, autoridade, império, superioridade. Daí, palavras como **arcanjo** (chefe dos anjos).¹⁷

O estudo sobre o arcanjo parte também da necessidade de compreendê-lo em seu significado pela junção das palavras “arqu + anjo” = autoridade dos anjos. Considerado como algo mítico, a relação do mesmo em sua concretude baseia-se nas tradições de oralidade. Pois, na sua etimologia. *A palavra vem do grego, mythos, que significa história que se conta, “lenda”*. (GANDON, 2000:08), e cabe-lhes a seguinte importância.

Os mitos não transmitem a palavra dos deuses. Eles contam a história de um mundo em que se vivem os deuses e homens. Se é possível falar em religião a propósito da mitologia, é

¹⁶ Pensamento extraído a partir da obra de Mircea Eliade em *El Mito Del Eterno Retorno*. p.07.

¹⁷ http://www.clubedotaro.com.br/site/r69_semantica_Cid.asp. Hora: 18:41, data :20/04/08.

porque as narrações que a compõem mostram as relações entre os homens e os deuses e levam a compreender como cada um deve se comportar. (GANDON, 2000 : 18 e 19).

Tratando-se do princípio de oralidade, o juízo de valor agrega outros valores comprometendo o seu estado de validade enquanto elemento simbólico, baseando-se nas diferentes culturas e nos diferentes princípios religiosos, cabendo somente ao primeiro, o estudo sobre a dualidade do arcanjo entre as duas obras de Santo Souza.

Pois, tal similitude encontra-se apenas no símbolo, se o mesmo for compreendido de forma isolada ou através de traduções fora do alcance textual. Ao longo deste artigo, percebe-se que o arcanjo, enquanto elemento central das duas obras é algo dotado de peculiaridades, ou seja, existem diferentes ações que pode torná-lo elemento transgressor a ordem cosmológica, seguindo os critérios de produção do autor em determinado momento e época.

Na criação literária, o mito intervém na relação do escritor com sua época e seu público: um escritor exprime sua experiência ou suas convicções através de imagens simbólicas que repercutem um mito já ambientado e/ou são reconhecidos pelo público exprimindo uma imagem fascinante. (BRUNEL, 1997:732)

Em certos casos, as definições simbólicas não asseguram elementos suficientes de interpretação fora de um contexto generalizado. Sendo assim, observa-se o seguinte conceito sobre o arcanjo extraído da obra Santo Souza. *ARCANJO – Para os teólogos, são seres encarregados de transmitirem as mensagens de alta importância. Na Cabala, são espíritos evoluídos, protetores dos Iniciados.* (LIMA, 1989:63). Portanto, existem duas definições diferentes que envolvem o mesmo símbolo, o mesmo pode acontecer também no campo da interpretação poética, levando-se em consideração o objeto de estudo em análise partido de um mesmo símbolo.

Verificando-se a tradução de significado da palavra *arcanjo* colocado por Jackson da Silva Lima, percebe-se que há uma real necessidade de colocá-lo em contexto para que realmente possa ser percebido outras possíveis características. Este fato pode ser explicado da

seguinte forma, na poesia *A Esfinge* o arcanjo não está inserido como “o protetor dos iniciados” ou como “um ser encarregado de transmitir mensagens de alta importância”, mas sim como um **mito**.

O mito proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial. Portanto, é sempre a narração de uma “criação”: conta se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser. É por isso que o mito é solidário da ontologia: só fala das realidades, do que aconteceu realmente, do que se manifestou plenamente. (ELIADE:50).

O fato de trabalhar duas obras que tragam diferentes percepções de um mesmo símbolo, pois como Herder Lexikon comenta: *símbolo como portador de significados é sua riqueza de interpretações, freqüentemente tão ampla que mesmo significados opostos podem combinar-se em um único símbolo*. (LEXIKON, 2006:07). Neste caso, o arcanjo visto como símbolo é pleno de realidades concretas, carregada de dinamismo, também por ter uma função simbolizante mediante a um meio sócio-cultural que atribui uma determinada funcionalidade a sua imagem e força mítica, diante dessa afirmação, o mesmo constitui-se como sagrado, justamente por ser o símbolo centro carregado de significados. Como Mircea Eliade mesmo afirma: *El ‘Centro’ es, pues, la zona de lo sagrado por excelencia, la de la realidad absoluta*. (ELIADE, 2001:12).

O anjo me atendeu sonâmbulo, e estendeu
 O seu lençol de nuvens na avenida,
 Onde há ventos que não sabem conversar
 E ouvir palavras de sombras e alvoradas

Mas este vínculo de realidade sagrada também pode ser desvirtuado, se for levado em consideração a mutabilidade do arcanjo quando tratado como símbolo de valor, seja ele sagrado ou não, ou quando o mesmo é descaracterizado, sendo as palavras “avenida” e “becos”, elementos do espaço urbano na poesia *A Esfinge*, pois,

sua iniciativa de introduzir transformações sua capacidade de projetar-se no relato ou de integrar ao contexto determinado elemento de atualidade: todas estas transformações já

podem intervir na narrativa oral do mito primitivo, mas agora elas se acham indefinitivamente mutiplicadas, a ponto de desarticularem e às vezes apagarem o esquema dramático original. (BRUNEL, 1997:735).

Atualmente, a validade do símbolo confere ao choque de realidades culturais distintas e este é assimilado mediante diferentes princípios que conferem a múltiplas percepções da sociedade. O espaço de um urbanismo socialmente fragmentado implica em novas traduções simbólicas ao que antes poderia ser considerado como primitivo, sendo assim, o estado de validez torna-se perceptível a uma pluralidade de contextos interpretativos. O mito antes considerado primitivo, também pode receber sentido e valor oposto, se este exerce um sentido dessacralizado na interpretação.

A reflexão que se faz entre *A Esfinge* e o *Túmulo do Rei* compreende ao significado do arcanjo na sua amplitude, sem que se perca as suas características simbólicas de mito. As intenções do poeta permeiam justamente no sentido reflexivo em relação a imagem e a tradução do símbolo porque o poeta inova, seguindo as intenções de produzir uma obra que possa refletir as condições de percepção de uma sociedade atual. *Esa participación de las culturas urbanas en un modelo arquetípico es lo que les confiere su realidad y su validez.* (ELIADE, 2001:09).

O DUPLO SIMBÓLICO DO ARCANJO NO EIXO SEMÂNTICO E COMPARATIVO

Santo Souza não só usa estímulos visuais e mentais, como também, estímulos sensoriais do corpo humano, como: o olfato e a audição, elementos estes que são empregados como uma espécie de figuras de linguagem no trabalho de personificação aos elementos que compõem a natureza. “Onde há ventos que não sabem conversar e ouvir palavras de sombras

e alvoradas¹⁸”. Através dessa expressão entende-se que, na maioria das vezes, a interpretação ou o estudo da poesia se torna algo muitas vezes confuso porque o uso de determinados recursos lingüísticos não estabelece um pensamento extremamente lógico, mas sim, uma forte carga sensitiva que existe na relação entre **Homem x Mundo**, isto é, dois universos extremamente distintos separados por algo que tende a ser coletivo tornando-os isolados identificados pela expressão “não sabem conversar e ouvir palavras”, mostrando o homem em sua relação individualista.

Além do ritmo e da sinestesia, também pode ser encontrado, o uso expressivo da metaforização simbólica. Santo Souza usa de determinadas alegorias para expressar o sentimento de revolta ou de dor, “Enforcou a coroa de Cristo ensangüentada¹⁹”. Neste caso, há uma interpretabilidade no que remete as próprias cicatrizes que não saram, ficam marcadas como lembranças e atormentam o ser humano, este, um ser em espécie sempre predestinado ao sofrimento terreno.

De certo modo, estas características possibilitam um vasto olhar acerca de um elemento que não está isolado ou descontextualizado, este elemento interage e ao mesmo tempo aciona outros elementos que estão ao seu redor.

Mas o arcanjo muda as peças no xadrez
 Da eternidade: escolheu a cor da estrela
 Que orienta a flecha e os dardos dos eleitos
 Para o trono dos dragões desesperados,
 E convocou o anjo mudo para conduzir
 Os ginetes que levam a carruagem da aurora.

Através deste fragmento da poesia *A Esfinge*, nota-se a presença de um arcanjo dotado de poderes com a liberdade de mudar a lógica que marca a organização do Cosmos: *o homem religioso experimenta a necessidade de existir sempre num mundo total e organizado,*

¹⁸ Versos 3 e 4 da poesia *A Esfinge*.

¹⁹ Verso 21. *Ibidem*.

num Cosmos. (ELIADE, 1992:27). Neste caso, o **xadrez** e a **flecha** são colocados como elementos técnicos de precisão e a **estrela** segue como um elemento intermediário para que seja evidenciado o pensamento manipulador do elemento simbólico em que o mesmo convoca o anjo mudo e o homem evoluído, cuja representação é a cor de estrela. Explica-se porém que,

Inicialmente, a estrela flamejante é a imagem do homem evolucionado, dotado de poderes psíquicos, diferindo nisto, como pelo trabalho de sua inteligência, dos homens que, não tendo recebido o dom divino, são figurados pelo pentagrama não iluminado. (DURVILLE, 1944 :410).

Partindo também desta estrofe, verifica-se a organização caótica simbolicamente representada pelo “dragão”, elemento mítico que abala toda a estrutura de um mundo organizado, ou seja, o arcanjo será agente dos malefícios recorrentes na trajetória da poesia, capaz de praticar atitudes reducionistas:

Visto que o nosso mundo é um Cosmos, qualquer ataque exterior ameaça transformá-lo em Caos (...) o ataque de “nosso mundo” equivale a uma desforra do dragão mítico, que se rebela contra a obra dos deuses, o Cosmos, e se esforça por reduzi-la ao nada. (ELIADE, 1992:29).

Pode-se concluir que, o arcanjo envolvido na poesia *A Esfinge* é um mito. O mesmo *aparecerá como um teatro simbólico de lutas interiores a que o homem se integra no caminho de sua evolução, na conquista de sua personalidade*. (CHEVALIER, INTRODUÇÃO XIX). Portanto, traz algo mais além do que a desordem, traz algo novo, a sua estrutura de pensamento e ação desmistifica qualquer relação sagrada no contexto poético, contribuindo para a catástrofe, para a propagação do profano.

E se embriagou com lágrimas de pedras
E gargalhadas de metralhadoras. Assassinou
Estátuas. Enforcou a coroa de Cristo ensangüentada.
Algemou Édipo, já cego, e um monstro,
com asas de pedra, sangrando sobre
múmias e blasfêmias, rasgou a treva.

- E chorou.

Pensando no Arcanjo como um ser superior ou como mensageiro dos deuses, o mesmo poderia apenas ser analisado como um elemento estritamente sagrado, mas as suas características observadas nesta estrofe acima, o coloca no próprio conflito da natureza humana, o Arcanjo entre o **sagrado** e o **profano**, segundo Roger Caillois:

Os dois gêneros, escreve Durkheim, não podem aproximar-se e preservar ao mesmo tempo a sua natureza própria”. Por outro lado eles são necessários ao desenvolvimento da vida: um como o meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, que a mantém que a renova. dualidade pode ser percebida. (CAILLOIS, 1988:22).

A necessidade que o sagrado tem do profano é controlado pelos ritos, pois estes regulam as forças de contrato entre ambos. Mas neste fragmento poético há apenas a figura do arcanjo, sendo colocada de maneira profana, quebrando a integridade do mundo anulando a ação dos tabus, em que estes têm por objetivo, definir os limites do permitido e do proibido.

Toda a estrutura que compõe o símbolo como elemento influenciador de outros símbolos ditos como sagrados. Cristo, o maior ícone sagrado entre os seres humanos, mostra-se reduzido ao seu próprio sangue quando este desce pela cruz, mostrando a sua condição de pecador sendo castigado para sentir a dor da carne, alimentando assim, o desejo profano. Édipo também mostra-se como um exemplo claro de dualidade, já cego por querer reconquistar a idéia do sagrado negando ver o mundo caótico e proibido ao qual praticou o incesto e o parricídio. O arcanjo o enfrenta quando aquele já se sente um monstro diante da sua fragilidade de mostrar-se um ser humano.

Já na obra *O Túmulo do Rei*, o arcanjo participa quase passivamente de ato fúnebre marcado por rituais muito particulares de uma sociedade em que se costuma dar um tratamento diferenciado aos atos simbólicos da morte. De acordo com o esoterismo a morte pode representar. *No sentido esotérico, ela simboliza a mudança profunda porque o homem passa sob o efeito da Iniciação.* (CHEVALIER, 2002:623). Por isso, há uma atenção

diferenciada perante o túmulo por revelar o homem em sua evolução prestar a iniciar uma nova etapa de transcendência, ao passo em que o arcanjo assume a postura de um ser solidário a ponto de compreender a morte em meio a sangue e lágrimas.

Porisso, cubro o túmulo do rei
com o sangue das pétalas caídas
nas mãos do arcanjo que lavei com lágrimas.

Percebe-se claramente que entre as duas obras o arcanjo é definido pelas suas ações e não por aquilo que ele pode representar de modo generalizado. Em *A Esfinge*, o símbolo em estudo é visto como o elemento central, muito diferente da obra *O Túmulo do Rei* em que todas as atenções se voltam para o Rei.

Pelo seu vasto conteúdo, esta mesma obra foi encarada como poesia, mesmo com estética de poema, pelo menos em partes, fato da mesma conter um elemento importantíssimo, mostrar que o arcanjo não é encarado como um mito propriamente dito, e sim, como um ser puramente superior, dotado de ações que o tornam sagrado, no momento em que este manifesta-se de forma acolhedora diante da mortalidade, tendo como caráter símbolo a palavra “túmulo”. Porém, o jogo de idéias que envolvem o duplo, ou seja, o sagrado e o profano, também estão relacionados ao paradoxo que existe entre todo e qualquer processo de dualidade humana. Este último, integrasse ao texto quando existe a necessidade de traduzir simbolicamente a palavra “flores” no seguinte verso:

Porém, quero sossego para as flores
que não sabem sonhar nem conduzir
o seu perfume para além da morte.

Percebe-se que a palavra analisada dentro do contexto versificado, traz a idéia central de transcendência, sendo esta reforçada pela expressão “para além da morte²⁰”. Sendo assim, a imortalidade encontra-se implícita no texto através de traduções puramente

²⁰ Fragmento do verso 11 do poema *O Túmulo do Rei*.

simbólicas. Isto é o que deve ser levado em consideração. Já que o arcanjo inclui-se neste contexto poético como o elemento participativo que presencia o que está além da morte. Por efeito de validade este pode ser considerado um ser sagrado, com características bem diferentes daquele arcanjo analisado na poesia *A Esfinge*, carregado de valores humanizados e mortalizados no ser condicionado ao impulso de destruição.

Portanto, os efeitos de sentido que são colocados em torno do elemento simbólico do arcanjo, pode ser entendido como objeto de interpretação, partindo das sonoridades rítmicas de musicalidade e que também abrange ao sentido da palavra em interpretação. A relação do mítico literário e do caráter duplo o qual correspondem a linha do sagrado e do profano, sendo Santo Souza uma espécie de mensageiro que faz ressurgir o tempo mitológico na vida urbana.

*“Muito tempo habitei sob átrios colossais
Que o sol marinho em labaredas envolvia,
E cuja colunata majestosa e esguia
À noite semelhava grutas abissais.”²¹*

²¹ Fragmento do poema *A Vida Anterior* de Charles Baudelaire. Tradução de Ivan Junqueira. “Site” pesquisado na junto a outras referências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUÑEL, Pierre (Org.) *Diccionario de mitos literarios*. Tradução: Carlos Sussekind. [et al.] Rio de Janeiro: José Olympio, 1997

CAILLOIS, Roger. *Relações gerais do sagrado e do profano*. In: *O homem e o sagrado*. 70 ed. Lisboa: Edições. [s.d]. Tradução: Geminiano Cascais Franco. (Perspectivas do homem); (ed. de orig. 1950), 1988. Pag. 19-58. 156p.

CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: FFLCH/USP, s/d.

CHEVALIER, Jean & **GHEERBRANT**, Alain. *Dicionário de símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números) / Jean Chevalier & Alain Gheerbrant, com a colaboração de André Barbant... [et al.] 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

DURVILLE, Henri. *A ciência secreta* /Henri Durville; tradução de Violeta-Odete. 2 ed. São Paulo: O Pensamento. 1944. Primeiro Volume. 474p.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

_____. *El mito del eterno retorno: Arquétipos y repetición*. Traducción de: Ricardo Anaya. Buenos Aires: Emecé, 2001.

GANDON, Odile. *Deuses e heróis da mitologia grega e latina*. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes. 2000. 285p.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 5 ed. São Paulo Ática, 1989. 80p. (Série Princípios).

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985.

LEXIKON, Herder. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix. 13 ed. 2006.

LIMA, Jackson da Silva. *O poeta Santo Souza (simbologia de dicção)*. Sociedade Editorial de Sergipe, 1989. 92p.

MORAIS, Gizelda S. *Esboço para uma análise do significado da obra de Santo Souza*. Aracaju, 1996. 56p.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: simbolismo*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1997. 293p.

SOUZA, Santo. *Obra escolhida*. Sociedade Editorial de Sergipe, Fundação Augusto Franco. Aracaju, 1989. 255p.

_____. *Rosa de fogo e lágrima: poesia*. Aracaju. Secretaria de Estado da Cultura/SE, 2004. 107p.

INTERNET

<http://www.noxinvitro.com/carus/felix/?text=613>

Data: 08/05/08.

Hora: 21:33 pm